

ANC p 2

JORNAL DE BRASILIA

Ação imediata e eficaz

A grande vitória das teses governistas na Constituinte provocou surpresa nos próprios vitoriosos. A margem de votos com que foram aprovadas as teses de presidencialismo e do mandato de cinco anos para os próximos presidentes foi muito ampla. Poucos esperavam estes resultados. Os vencidos sentiram o golpe e fizeram uma justa avaliação do seu significado: o Presidente e seus partidários dispõem da maioria do mundo político de maneira clara e insofismável. Para o Governo isto é reconfortante, mas ao mesmo tempo traz maiores responsabilidades. Agora não é mais possível ao Planalto dizer que não está podendo governar por falta de apoio político.

Ninguém duvida que a crise econômica e social que vivemos fez com que a maioria dos cidadãos adotasse uma posição de crítica ao Governo. O que a sociedade condena não é apenas o fato da crise não ser superada, mas a própria eficiência do Governo posta em questão. Condena-se o marasmo, a falta de iniciativas dos que detêm o

comando do País.

O apoio dado pela maioria dos constituintes ao Palácio do Planalto, naquela sessão histórica da última terça-feira, se destaca mais por ter ocorrido num momento de impopularidade do Executivo do que pelo conteúdo das emendas apreciadas. Afinal de contas o presidencialismo aparece como majoritariamente defendido pela opinião pública e a questão do mandato presidencial não é apaixonante. A maioria, entretanto, assumiu um ônus ao se solidarizar com um Executivo ao qual falta sustentação popular.

Agora que o Executivo viu suas teses aprovadas ele tem outra dívida. Não são somente os políticos que o sustentaram que são credores. É toda a sociedade que espera urgentemente medidas corajosas e eficazes no combate à crise. Não mais existindo a excusa de falta de sustentação política, as autoridades têm o dever de agir e rapidamente. Caso contrário o risco é grande para o nosso

futuro imediato.

A crise se aprofunda a cada momento. A sociedade está insatisfeita e não mais crê em medidas salvadoras. O aprofundamento da crise numa sociedade como a brasileira não representa apenas estagnação. Ela é uma ameaça concreta de retrocesso. É o próprio futuro do Brasil como potência que está em risco. Ou saímos da crise ou passamos a ser uma Nação de terceira categoria.

O Governo conta com uma dificuldade suplementar. E que hoje há um descrédito generalizado em relação às medidas que possa vir a tomar. Sua principal dificuldade agora é de reconquistar a confiança, o que será possível com medidas convincentes e eficazes a curto prazo.

Toda a Nação espera que o Governo aja com eficácia. Não há mais tempo para meias medidas, não é mais ocasião de experiências. Agora só a eficácia pode nos tirar da mais grave crise vivida no período republicano.